

REPRESENTATIONS OF THE AMAZONIANS IN THE TALE MAIBI, BY ALBERTO RANGEL

Italo Pereira Dutra

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: italodutra06@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar as representações de homens e mulheres no conto Maibi, do escritor pernambucano Alberto Rangel, que escreveu a obra composta de 11 contos, durante o tempo em que morou em Manaus capital do Amazonas, Brasil. A floresta amazônica sempre foi alvo de muitos exploradores estrangeiros em busca da extração de riquezas, tendo sempre em mente o retorno para seus lugares de origem. Esses exploradores, ao retornarem, acabavam descrevendo a floresta amazônica a partir do ponto de vista deles e não dos nativos, criando mitos e lendas que mexiam com a imaginação de centenas de seus leitores, fazendo com que, muitas vezes, alguns se aventurassem na floresta desconhecida. Como pontuado no início deste texto, este artigo analisará as representações de homens e mulheres construídas por um brasileiro no início do século XX, no conto Maibi. Para tanto, será feito um recorte dessas representações.

Palavras-chave: Amazônia; Representações; Homens; Mulheres.

Abstract

This article aims to show the representations of men and women in the work *Inferno verde*, written by the author from Pernambuco Alberto Rangel, who wrote the work composed of 11 tales, during his time in Manaus, capital of Amazonas, Brazil. The Amazon rainforest has always been the target of many foreign explorers in search of the extraction of wealth, always bearing in mind the return to their places of origin. These explorers, on returning to their countries, ended up describing the Amazon rainforest from their point of view and not from the natives, creating myths and legends that moved the imagination of hundreds of their readers, causing many to venture into the unknown forest. This article will analyze the representations of men and women built by a Brazilian in the early 20th century, in the Maibi tale. To do so, a clipping of these representations will be made.

Key-words: Amazon. Representations. Men. Women.

Introdução

Fui um paraíso. Para a raça íncola nenhuma pátria melhor, mais farta e benfazeja. (...) Inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras donde veio carinhosamente resguardada na alma ansiada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta.

Alberto Rangel – Inferno verde.

A construção da ideia de que a Amazônia possuía terra em abundância e fértil começou por volta do século XVI, com o investimento europeu em grandes expedições marítimas em busca de “novas terras” onde pudessem colonizar, explorar os minérios e outras riquezas que ali houvessem. Gonzalo Pizarro, Pedro de Anzures e Francisco Orellana são alguns, entre outros estrangeiros, que se lançaram na busca de novas terras para a extração de recursos minerais. De acordo com Márcio Souza,

Gonzalo Pizarro não foi exatamente o primeiro espanhol a organizar uma expedição para entrar na selva tropical. Em 1538, por exemplo, Pedro de Anzures liderou 300 espanhóis, 4.000 índios e, inexplicavelmente, algumas das moças mais bonitas de Cuzco, através das escarpas orientais dos Andes, chegando até a selva. Anzures também tinha ouvido falar do El Dorado, mas os rigores da natureza o obrigaram a voltar. A expedição resultou em sofrimentos terríveis, com os espanhóis tendo de comer os próprios cavalos e sucumbindo às doenças e à fome. Morreram de fome 143 espanhóis e os outros chegaram a Cuzco como mortos-vivos. A maioria dos índios morreu, e os que sobreviveram se alimentaram dos cadáveres dos que tinham morrido de fome (SOUZA, 2009, p. 71).

A procura pelo ouro foi importante para dar início às expedições, criando assim, diversos mitos sobre a Amazônia. Como exemplo citemos um dos mitos mais famosos, o “El Dorado”¹, conhecido por ser uma cidade bastante procurada pelos estrangeiros, que acreditavam fielmente ser uma cidade repleta de ouro. Como

¹ Ver a obra *História da Amazônia*. “Uma das lendas mais persistentes e que mais incendiou a imaginação dos conquistadores foi a do El Dorado. País fabuloso situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico” (SOUZA, (2009, p. 69).

forma de ilustração podemos citar uma passagem da obra *História da Amazônia*, de Márcio Souza:

A lenda do El Dorado era tão recorrente nos primeiros anos da conquista da Amazônia que muitos aventureiros encontraram um destino trágico na sua busca. Sir Walter Raleigh andou buscando esse país em sua última e desastrosa expedição ao Orenoco, seguindo os espanhóis na Venezuela. Em busca do El Dorado também foram para as selvas outros europeus, como portugueses, franceses, holandeses e irlandeses. A fantasia de terras e locais fantásticos sempre povoou os sonhos dos ambiciosos conquistadores. Desde os navegantes que se lançaram em busca da misteriosa ilha, onde estariam as minas de ouro e prata do rei Salomão, de onde retirou estes metais preciosos para a construção do templo de Jerusalém – ilha fantasiosa que às vezes estava no Atlântico e às no Pacífico – até os mitos dos reinos perdidos, da fonte da eterna juventude e das cidades encantadas, sempre às margens de algum rio caudaloso, paragens habitadas por amazonas guerreiras, pigmeus, homens sem cabeça, homens com rabo e outras quimeras (SOUZA, 2009, p. 69-70).

Quanto mais os estrangeiros avançavam fronteiras na empreitada em busca de ouro, maior era o contato com os nativos que, no geral, era sempre marcado pela violência e escravidão. Com relação à essa zona de contato, Mary Louise Pratt, em sua obra *Os olhos do império*, define o termo como “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, 27).

A partir dessas expedições os estrangeiros começaram a construir a imagem da Amazônia, pintando o nativo do ponto de vista deles, mas sempre os rebaixando, atribuindo adjetivos baixos como selvagens, canibais, povo sem cultura, entre outros. Durante séculos, esse foi o retrato do homem amazônida em inúmeros relatos de viagens, e que até hoje influencia muitos leitores estrangeiros que preferem acreditar nessa reprodução negativa do que investigá-la, e acabam crescendo com essa ideia formada de que os nativos eram os impostores, e que não tinham o direito sobre as terras em “abundância” sobre qual andavam, extraíndo da natureza apenas o que lhes eram necessário para viver e tal pensamento reflete-se até os dias de hoje.

No início do século XX, a região amazônica passou a receber um grande número de migrantes de várias partes do Brasil, em particular da região Nordeste do país. Herdando a fama de ser o El Dorado, somando-se com as dificuldades tanto políticas quanto climáticas na região Nordeste, centenas de pessoas saíram de suas cidades, abandonando o gado, terras, e o pouco que tinham em busca de melhorias, ou seja, fazer fortuna na região Norte do Brasil, especialmente em Manaus, capital do Amazonas. A Amazônia seria a saída para essas pessoas que deixaram tudo para trás, pois em suas mentes a floresta amazônica possuía terra em abundância e fértil, o que alimentava ainda mais o sonho da migração em massa. Seria o começo de uma nova vida, numa região considerada por Henry Major Tomlinson, dentre outros viajantes, como o “jardim do Éden”, ou ainda, como a gênese, conforme o próprio narrador descreve:

Nas longas cavalgadas, que seguimos na terra onde olhávamos por cima do que estava ali pela primeira vez desde a gênese, onde podíamos ter estado na quietude do sétimo dia, tão novo, estranho e silencioso estava tudo, a figura à minha frente, com suas botas compridas, camisa preta negligente, as armas em volta da cintura, e o chapéu com seu extravagante tamanho, majestosamente inclinado, fizeram me parar algumas vezes para me reassegurar que eu não estava perseguindo um dia de sonho da meninice; Mayne Reid demais na minha cabeça, especialmente quando meu companheiro selvagem e improvável parava debaixo de um grupo de palmeiras em forma de estátuas, e olhava para trás suponho que era para se certificar de que eu ainda estava lá, e que o silêncio não tinha me absorvido completamente, um frágil farfalhar de um som intruso em um mundo virgem e absorvente (TOMLINSON, 2014, p. 295-296).

De certa forma, a migração em massa foi um reflexo, uma continuidade da imaginação construída pelos estrangeiros sobre a região amazônica, mas agora encarada como um fator interno, vindo do próprio povo brasileiro de diversas partes do país, que ao mesmo tempo trazia inevitavelmente algum tipo de “progresso” para a região Norte do país.

Alberto Rangel²

² Essas informações foram obtidas no trabalho *Inferno verde: representação literária da Amazônia na obra de Alberto Rangel*, de Rafael Voigt Leandro. Revista Intercâmbio do Congresso de Humanidades. UnB (2009).

O autor Alberto do Rêgo Rangel nasceu em Recife (PE), no dia 29 de maio de 1871, e faleceu no dia 14 de dezembro de 1945, em Nova Friburgo (RJ). Além de ter sido engenheiro de formação, também foi historiador e ficcionista, na qual sua obra mais consagrada foi o seu livro *Inferno verde* (1908), que reuniu vários contos. A 1ª edição teve o prefácio escrito por Euclides da Cunha, amigo de Rangel desde o curso superior na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ). Devido sua formação em engenharia-militar, foi enviado para diversas regiões com serviços relacionados à construção, passando por lugares como Maranhão, Belém (PA), e em Manaus (AM). Ao pedir baixa da carreira militar, acaba prestando serviços como engenheiro civil para o Governo do Amazonas entre 1901 e 1905 e durante esse tempo em que ficou no Amazonas, escreveu a obra *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas*. Em 1907 retornou para o Rio de Janeiro onde casa-se e começa a viajar pela Europa, passando por Gênova (Itália), onde imprime sua obra *Inferno verde*, com ilustrações que remetem ao cenário amazônico, lançando o em 1908. Posteriormente, prestou serviços diplomáticos passando a viver entre o Brasil e a Europa. Alberto Rangel publicou os livros *Sombra n'água* (1913), contendo novos contos relacionados ao cenário amazônico, *Quando o Brasil amanhecia* (1915), *Livros e figuras* (1920), *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* (1912), *Fura Mundo* (1922), *Lume e Cinza* (1924), *Textos e pretextos* (1926), *Gastão de Orléns* (1935), e por último, escreveu um esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II, *A Educação do príncipe* (1945).

Inferno verde

A obra *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*, de Alberto Rangel, está dividida em onze contos com o prefácio de Euclides da Cunha como dito anteriormente, que retratam uma Amazônia oposta às ideias construídas durante séculos, desde a época das grandes explorações espanholas, uma Amazônia mais severa, cheia de surpresas, desiludindo os aventureiros do século XX, que buscavam reconstruir suas vidas nos seringais do Amazonas durante o final da primeira década do século XX. Para as pessoas que migravam constantemente para

a nova região, devido à seca no Nordeste ou mesmo por questões econômicas, abandonando a terra natal, e tudo o que tinham conquistado, não bastava apenas chegar na Amazônia, tinham que, além de recomeçar do zero, saber lidar com o clima da região Norte, que por vezes era traiçoeiro.

Maibi

O conto “Maibi”, da obra *Inferno Verde*, do escritor Alberto Rangel, está ambientado no começo do século XX, no estado do Amazonas, e retrata os migrantes do Nordeste do país de uma forma sofrida, que luta para sobreviver numa região longínqua de suas origens, num lugar onde as leis são favoráveis apenas aos donos de seringais.

Assim como nos outros contos, Maibi narra a trágica história de Sabino, que migrou para o Amazonas na esperança de uma vida melhor, mas que acabou se desiludindo com a nova terra, e afundado em dívidas com o patrão, não conseguia quitá-las para poder voltar à sua terra natal. Com isso a única saída foi oferecer em troca sua mulher, cujo nome é o mesmo do conto, Maibi³, que metaforicamente também representa a seringueira. Para ilustrar melhor a cena, citemos uma passagem do conto:

Mas, que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas (RANGEL, 2008, p. 121).

A passagem acima mostra a que ponto a personagem se rebaixa para poder solucionar suas pendências, chegando a entregar a própria mulher para quitar as dívidas. Como consequência, a mulher acaba sendo retratada apenas como um objeto, uma vez que as leis nos seringais eram criadas pelos mais poderosos e

³ Uma figura alentada e bruta, com a boca mascarada pela franja da bigodeira ruça, dizia à outra personagem, chupada, esfancada de sezões e mau passadio, com uns raros pêlos duros nos cantos dos lábios e no queixo prognato (RANGEL, 2008, p. 121).

proprietários de seringais. Com isso, os trabalhadores eram praticamente obrigados a aceitar as regras adotadas nos seringais. Para explicar melhor esse choque, Homi Bhabha, na sua obra *O local da cultura*, afirma que:

O interesse comunitário ou o valor cultural são negociados [...] apesar de histórias comuns de privações e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades, podem nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso, e até incomensurável (BHABHA, 1998, p. 20).

Nesse contexto, os homens e as mulheres acabavam sofrendo um enorme embate com a opressão imposta pela lei do poder, da qual Bhabha explica da seguinte forma:

Há uma negociação entre gênero e classe, em que cada formação enfrenta as fronteiras deslocadas e diferenciadas de sua representação como grupo e os lugares enunciativos nos quais os limites e limitações do poder social são confrontados em uma relação agonística (BHABHA, 1998, p. 55).

A vida nos seringais parecia não ter fim, uma vez que, quanto mais tempo os trabalhadores passavam nas terras, mais necessitavam comer, beber e vestir, coisas que lhes eram oferecidas pelos donos dos seringais como forma de estratégia colonialista, porém, nada era de graça, e com isso, os trabalhadores acabavam acumulando muitas dívidas. Sendo assim, eles passavam a trabalhar apenas para pagar as contas, com o pensamento em voltar para a terra natal, conforme podemos ver na seguinte passagem:

“Tirar saldo” é a obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade? O regime da indústria seringueira tem sido abominável. Instituiu-se o trabalho com a escravidão branca! Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma exploração sem lei. O código surgiu mesmo nas contingências da luta. Não por intimações de uma autoridade, que não existia; mas por acordo tácito entre todos (RANGEL, 2008, p. 122).

Rangel mostra no conto claramente o tipo de trabalho ao qual os seringueiros se submetiam para ganhar algum dinheiro. Era de fato uma jornada de trabalho muito cansativa, uma vez que as seringueiras estavam espalhadas pela mata, crescidas de forma natural, fazendo com que os seringueiros percorressem distâncias quilométricas até que pudessem extrair o leite das seringueiras com suas tigelas, conforme o próprio Rangel narra:

O seringueiro no “fabrico” percorre-a às pressas. Vai muitas vezes mesmo antes que amanheça, então à luz do “farol” ou lamparina, embutindo as tigelinhas sob o golpe pequeno e em diagonal, na devida “arreação”; voltará imediatamente nas mesmas pegadas a fim de recolher, no balde, o leite das tigelas. Manhã alta chega o seringueiro estropeado; e tem ainda de defumar o látex, d’olhos castigados ao fumo acre dos cocos, que ardem embaixo do “boião” (RANGEL, 2008, p. 130).

Muitas dessas pessoas acabavam morrendo com essas jornadas. Com o passar dos anos, já sem perspectivas de voltarem para suas origens, acabavam passando anos na mesma situação, esquecidas e renegadas pela sociedade, que não sabia qual preço o “progresso” da economia, através da borracha, cobrava desses trabalhadores. Enrique Dussel na sua obra *1942: o descobrimento do outro*, explica essa questão da seguinte forma:

Ao negar a inocência da “Modernidade” e ao afirmar a Alteridade do “Outro”, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra face”, oculta e essencial à Modernidade”: o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as vítimas da “Modernidade”) como vítimas de um ato irracional (como contradição do ideal racional da mesma Modernidade) (DUSSEL, 1993, p. 187).

Esse tipo de exploração nos seringais não era tão diferente da colonização europeia, que escravizava pessoas de vários países e etnias, era apenas uma forma reduzida da colonização na região amazônica, que caminhava para a mesma direção, onde os donos dos seringais escravizavam os trabalhadores devido às dívidas, conforme podemos ver no conto:

Um seringal, em fim de contas, não era a estância de gado, nem a fazenda de café, nem o engenho de cana. O que satisfazia na campanha do Rio Grande, no Oeste de São Paulo, no interior de

Pernambuco, não era suficiente no Madeira, no Purus, no Juruá. Desde logo que a legislação não previu, a indústria nascente fundou. Não era o exercício de simples crueldade; mas o resultado dos interesses do capital, que instituíram a sua própria defesa. Lógico, pelo menos fatal. Os estudos da nova sociedade, que quis viver, receberam esta base: não poder o seringueiro abandonar o seringal, sem estar quite para com o patrão (RANGEL, 2008, p. 123).

Assim como os espanhóis dominavam, massacravam, colonizavam e escravizavam, em Maibi os donos dos seringais, de certa forma, também faziam o mesmo, mas de uma forma mais silenciosa, fazendo com que os trabalhadores morressem pelas próprias mãos de tanto trabalhar. Com isso, muitas pessoas ao saberem das condições de vida na região amazônica, acabavam desistindo antes de sofrerem as mesmas decepções, diminuindo assim a mão de obra nos seringais. Para entender melhor esse processo, Enrique Dussel afirma que:

A “invasão”, e a subsequente “colonização”, foram excluindo da comunidade de comunicação homogênea muitos “rostos”, sujeitos históricos, os oprimidos. Eles são a “outra face” da Modernidade; os outros em-cobertos pelo descobrimento, os oprimidos das nações periféricas (que sofrem então uma dupla dominação), as vítimas inocentes do sacrifício (DUSSEL, 1993, p. 159).

No conto em questão, a personagem Maibi tem um final trágico por viver numa sociedade machista, pois Rangel retrata a mulher nesse cenário de uma forma inferior, como um objeto de troca para quitar saldos numa terra sem leis, conforme já mencionado antes. Os objetivos das mulheres que acompanhavam seus maridos e filhos nessa incansável jornada eram os mesmos dos homens, poder melhorar de vida tendo consigo sua dignidade, mas no ambiente hostil retratado por Rangel, muitas delas acabavam perdendo seus maridos nos seringais, e tendo que manter os filhos, acabavam sendo violentadas, ou juntavam-se com outros companheiros, além de serem vistas como um peso, impedindo o homem de voltar para sua terra natal, conforme é visto no conto:

Era verdade que, em companhia de Maibi, mais doce lhe correr a existência... Contudo, tinha sido um atropelo. Conseguira desenvencilhar-se, mas, ganhando; tinha saudade, porém, da “danada” cabocla. Ah! os olhos dela, tingidos no sumo do pajurá; o andar miúdo e ligeiro de um maçarico; ah! os seus cabelos do negro

da poupa de mutum-“fava”; o volto roliço... As carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro... Nos braços de outro ela se arrebataria em juras e suspiros... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas “era o jeito” (RANGEL, 2008, p. 123).

Como visto, o cenário para a mulher no começo do século XX era muito cruel, pois “eram” representadas como objetos, só serviam para gerar filhos, cuidar das casas e até mesmo, eram utilizadas para pagar as dívidas do marido nos seringais, vivendo uma pura brutalidade, num período sem conscientização de sua importância e de seus direitos. Nesse contexto, Edward Said, na sua obra *Cultura e Imperialismo*, fala sobre essa representação da seguinte forma:

Tornamo-nos muito conscientes, nos últimos anos, das coerções sobre a representação cultural das mulheres, e as pressões que entram nas representações criadas das classes e raças inferiores. Em todas essas áreas — sexo, classe e raça —, a crítica tem corretamente se concentrado nas forças institucionais das sociedades ocidentais modernas que moldam e estabelecem limites à representação de seres considerados essencialmente subordinados; assim, a própria representação tem se caracterizado no papel de manter o subordinado como subordinado, o inferior como inferior (SAID, 1995, p. 140).

No final do conto, Maibi acaba sendo vítima do próprio marido, arrependido de ter entregue a mulher para quitar suas dívidas, e morrendo de ciúmes ao vê-la nos braços de outro homem, acaba matando-a, deixando seu corpo amarrado numa seringueira, como se estivesse crucificada na árvore, ao mesmo tempo, representando o “Inferno verde” que fora seu lar.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo geral, apresentar um conjunto de ideias no conto Maibi, da obra *Inferno verde*, que mostra as representações de homens e mulheres no começo do século XX, que buscavam recomeçar uma nova vida na região amazônica durante o ciclo da borracha, mas que acabaram se desiludindo com a região, uma vez que os mesmos ao migrarem fugindo da seca e da fome do Nordeste para o Norte do país, acabavam se deparando com o sistema de serviço escravo nos seringais, enfrentando o clima da floresta amazônica sem condições de

trabalhos adequados, sempre endividados com os donos dos seringais, e sem perspectivas de poderem voltar para suas cidades, tornando-se escravos do ouro branco, ou seja, a borracha. Com essas pontuações, é possível compreender melhor os fatores que ajudaram a construir essas representações de homens e mulheres amazônidas nesse contexto histórico e muito importante no processo de desenvolvimento da região Norte do país na primeira década do século XX, e começo da queda do boom da borracha.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DUSSEL, Enrique. *1942: o encobrimento do outro*. São Paulo: Vozes, 1993.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: Cenas e cenários do Amazonas*. 6ª ed. Manaus: Editora Valer, 2008.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOUZA, Márcio. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- TOMLINSON, Henry Major. *O mar e a selva: Relato de um inglês da Amazônia*. Trad. Hélio Rocha. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.